



UM OLHAR CRÍTICO-ECLESIAL SOBRE A AMAZÔNIA: DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO À ENCÍCLICA LAUDATO SÍ DO PAPA FRANCISCO

Anderson Monteiro Araújo¹
Francisco Gabriel da Silva²

Resumo

Falar da Amazônia é falar de uma realidade universal, que tem assumido papel de destaque mundial, desde outrora, e que no contexto atual as discussões se atualizam, considerando a sua extensão e sociobiodiversidade, gerando interesses econômicos e políticos que refletem na realidade das comunidades que vivem no entorno da região amazônica, acentuando, sobretudo os conflitos e problemas socioambientais. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo tecer um olhar crítico sobre a Amazônia, perpassando inicialmente por sua biodiversidade nas riquezas e problemáticas vividas, bem como, a visão eclesial, buscando compreender as críticas, preocupações e proposições para o futuro de uma realidade que precisa ser discutida por todos, em vista de um bem comum, num contexto atual de inúmeras transformações ambientais, sociais, políticas e econômicas, causando inquietudes no desenrolar da humanidade. Assim, nosso aporte metodológico consistirá numa revisão bibliográfica a partir de autores que versem sobre o tema proposto, bem como consulta á documentos da igreja católica, entre eles o Documento de Santarém (1972), Documento de Aparecida (2007) e Encíclica *Laudato Sí* (2015) que embasarão melhor a temática em tela. Nesse intento, pensar a Amazônia tem sido uma preocupação não apenas dos grupos sociais e povos indígenas que sofrem cotidianamente com os efeitos causados pela ação antrópica, mas tem despertado interesse em organismos eclesiais, como a igreja católica, que vêm buscando ao longo dos anos tecer um olhar eclesiológico com mais autenticidade para a realidade amazônica, no sentido de construir caminhos que ajudem a pensar uma linha pastoral que atenda aos anseios dos povos amazônicos e a luta por uma “ecologia integral” nas dimensões humanas e sociais valorizando a riqueza da sua imensa biodiversidade. Desse modo, discorrer sobre a Amazônia numa visão eclesial é ir para além da sua extensa biodiversidade, mas é necessário buscar crescer com as características próprias enraizadas na sabedoria tradicional e religiosidade popular, alimentada durante muito tempo e que se mantém viva na espiritualidade dos povos da floresta, estimulando a procura de caminhos de colaboração e compromisso entre as igrejas, realizando a sua missão evangelizadora a partir de uma visão Panamazônica.

Palavras-Chave: Amazônia. Igreja. Ecologia.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte(UERN) Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia(CAMEAM). andersongeografia2@gmail.com

² Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). gabriel_sylvie@hotmail.com



I SEMANA NACIONAL DE
**TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO**
I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:
Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

214

INTRODUÇÃO

Falar da Amazônia é falar de uma realidade universal, que tem assumido papel de destaque mundial desde outrora e que no contexto atual, as discussões se atualizam, considerando a sua extensão e sociobiodiversidade, gerando interesses econômicos e políticos que refletem na realidade das comunidades que vivem no entorno da região amazônica, acentuando, sobretudo os conflitos e problemas socioambientais. Dessa forma, a Amazônia tem sido considerada de natureza multicultural, biológica e socialmente diversificada.

Partindo dessa perspectiva, acreditamos que “o modelo tradicional da ocupação da Amazônia tem levado a um aumento significativo do desmatamento na Amazônia legal, sendo este um fenômeno de natureza bastante complexa, que não pode ser atribuído a um único fator (Alencar *et al.*, 2004).” Assim, as causas que vão desde a exploração seletiva e predatórias de madeiras até o papel indutor do Estado, que na maioria das vezes, sem um planejamento estratégico da ocupação do território, contribui para que o desmatamento aumente, sem medidas emergenciais que possa ajudar a diminuir os índices, causando uma preocupação universal, por estar relacionado diretamente à nossa sobrevivência em vida e sociedade.

Nesse intento, pensar a Amazônia, tem sido uma preocupação não apenas dos grupos sociais e povos indígenas que sofrem cotidianamente com os efeitos causados pela ação antrópica, mas tem despertado interesse em organismos eclesiais, como a igreja católica, que vem buscando ao longo dos anos, tecer um olhar eclesiológico com mais autenticidade para a realidade amazônica, no sentido de construir caminhos que ajudem a pensar uma linha pastoral que atenda aos anseios dos povos amazônicos e a luta por uma “ecologia integral” (*LAUDATO SÍ*, 137) nas dimensões humanas e sociais valorizando a riqueza da sua imensa biodiversidade.



I SEMANA NACIONAL DE
**TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO**
I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:
Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

215

Diante do exposto, debruçaremos neste trabalho um olhar crítico sobre a Amazônia, perpassando sua biodiversidade nas riquezas e problemáticas vividas, bem como, a visão eclesial, buscando compreender as críticas, preocupações e proposições para o futuro de uma realidade que precisa ser discutida por todos, em vista de um bem comum, num contexto atual de inúmeras transformações ambientais, sociais, políticas e econômicas, causando inquietudes no desenrolar da humanidade.

1 A BIODIVERSIDADE DA AMAZÔNIA: RIQUEZAS E PROBLEMÁTICAS VIVIDAS

Tratar de biodiversidade desponta um tema ambiental que entra nas questões mundiais a partir do ano de 1980 com os debates travados no âmbito da União Internacional de Conservação da Natureza (UICN) e posteriormente pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Albagli (2001) nos ajuda a entender a biodiversidade dizendo que:

Biodiversidade inclui todos os produtos da evolução orgânica, ou seja, toda a vida biológica no planeta, em seus diferentes níveis – de gens até espécies e ecossistemas completos –, bem como sua capacidade de reprodução. Corresponde à “variabilidade viva”, ao próprio grau de complexidade da vida, abrangendo a diversidade entre e no âmbito das espécies e de seus habitats. (ALBAGLI, 2001, p. 6)

Esse conceito embora entendido a priori na sua dimensão natural mais tarde entra nos debates políticos, econômicos e sociais. Entendendo que a diversidade da vida é elemento essencial para o equilíbrio ambiental planetário, uma vez que capacita os ecossistemas a melhor reagir às alterações sobre o meio ambiente causadas por fatores naturais e sociais. A esse respeito Albagli (2001) aborda que “sob a perspectiva ecológica, quanto maior a simplificação de um ecossistema, maior a sua fragilidade.” Desse modo, ainda corroborando da percepção desse autor



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

216

supracitado “a biodiversidade oferece também condições para que a própria humanidade adapte-se às mudanças operadas em seus meios físico e social e disponha de recursos que atendam a suas novas demandas e necessidades.” (ALBAGLI, 2001, p.7).

Logo, entendendo a biodiversidade, a importância que essa ganha no cenário internacional e reconhecendo o seu caráter estratégico, falar de Amazônia é falar de uma região que se encontra nesse contexto de biodiversidade, requerendo pensar que a população amazônica convive com diferentes ecossistemas e apresenta uma diversidade que lhe é inerente.

Compreendendo a maior reserva de biodiversidade do mundo e sendo considerado o maior bioma do Brasil, a Amazônia abarca quase metade (49,29%) do território nacional (IBGE, 2019). A Amazônia que por vezes aparece na mídia, é aquela Amazônia toda natural, apenas composta de vegetação e bacias hidrográficas, é na verdade uma ideia romantizada de que possuímos um grande jardim botânico. De fato, possuímos um grande bem natural, e o Brasil detém de 60% deste bem em seu território, dividindo 40% dela com Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa). Mas, é exigente além da riqueza que a Amazônia oferece, nos situarmos na compreensão dessa em suas fragilidades e resiliências, identificando que é preciso olhar para as dimensões sociais e econômicas da região de maneira integrada. O meio não envolve apenas plantas, água, animais. Para além desses, existe povos na Amazônia, que interagem na biodiversidade em que se situam, sendo eles mesmos diversidade.

Modelos de desenvolvimento hegemônicos sempre se fizeram presentes no decorrer da história, na Amazônia não foi, nem é diferente. A partir da década de 1960 a lógica instaurada pelo modelo desenvolvimentista do capitalismo industrial já se fazia presente nessa região, e mais tarde, na década de 1980, com a força da corrente política neoliberalista (que configura todas as ações políticas em favor do mercado internacional), coloca a Amazônia no cenário mundial, cenário não apenas



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

de preservação e discussão ambiental, mas também de caráter predatório percebendo suas riquezas especulativas para ciência e governos mundiais.

A inestimável biodiversidade da região, e porque não dizer: sociodiversidade provocaram um deslocamento de capitais para a região, com modelos de desenvolvimento que variaram desde o período colonial para os dias de hoje, mas que trazem em si algo comum: a geração de impactos danosos às populações tradicionais da Amazônia. Gerando dificuldades para a continuidade dos modelos históricos de adaptação ao ambiente ecológico. O que vimos, e ainda vemos, é uma ocupação da região com programas desenvolvimentistas, em seus grandes projetos, com interesses de controle geopolítico, e nunca e/ou muito pouco de responsabilidade ambiental com zelo por uma sustentabilidade ecológica. Assim, podemos enxergar que as condições favoráveis da região, enquanto área estratégica se faz importante para um controle geopolítico que esta além das governanças brasileiras, situando-se mesmo em esferas e organismos internacionais. (CHAVES; BARROS; FABRÉ, 2008).

Gonçalves (2005, p.13) diz que “a Amazônia exige uma visão complexa do meio ambiente que não dissocie ecologia de justiça social, da cidadania.” Entendendo esse pensamento percebemos que essa justiça social e cidadania se dá desde a conquista de direitos de cidadania e formulação de modelos de gestão participativa dos recursos naturais, até políticas públicas que abram um debate com os povos da região, por vezes sem voz, indo de encontro também com políticas mais amplas de meio ambiente que já se encontrando nas pautas globais precisam ser melhor discutidas e efetivadas. Tudo isso é pensado para que se atinja uma sustentabilidade ecológica e social.

2 A IGREJA NA AMAZÔNIA: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E PROPOSIÇÕES

Falar da Amazônia, tem se tornado ao longo dos anos, cada vez mais comum, á diversidade de falas a respeito como também o desenvolvimento de



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

projetos nas dimensões sociais, políticas, econômicas, como também no âmbito religioso, tem colocado essa porção do planeta em evidência, no intuito de favorecer os povos que ali vivem e que incessantemente buscam cuidar do seu “lugar”. Nesse contexto, situa-se a missão da Igreja. Mata (2007) discorre que:

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja tem um novo projeto pastoral para Amazônia. A situação social de migração, urbanização da pobreza, exploração do trabalho, etc., exigem atitudes proféticas na evangelização. Defendendo a causa do amazônida, a Igreja começa a assumir um rosto amazônico. Nos últimos anos, a organização das comunidades, as assembleias e os projetos pastorais das dioceses, mostram que a Igreja está se tornando mais “pé no chão”, sintonizada com os apelos da realidade dos povos amazônicos. (MATA, 2007, p.19)

Portanto, é nesse contexto que a igreja que vive e opera na Amazônia, tem significativamente buscado resposta aos muitos desafios que emergem constantemente, sendo necessário conhecer “suas atividades, suas aspirações, suas necessidades, através de uma presença e de uma escuta demoradas, sem se deixar levar por opiniões externas nem unicamente por certos pedidos internos que nem sempre reconhecem o dinamismo local.” (PERANI, 2018).

Nessa perspectiva, é necessário ressaltar o processo de implantação da Igreja na Amazônia, a partir do século XIX, no período colonial, bem como, a chamada Romanização- entendido por Mata como “o lento afastamento da Igreja católica da monarquia brasileira, com a cessação do regime do Padroado (terminado em 1890) e a aproximação de Roma e do Papa”. (MATA, 2007, p. 23). Esta nova fase da Igreja católica, empreendida na Amazônia, marcam uma verdadeira reorganização na sua estrutura, a fim de compor um novo cenário eclesiológico determinante e ativo.

Outra mudança provocada de maneira positiva que marca a caminhada missionária da igreja na Amazônia, dar-se-á com a realização do Concílio Vaticano II, num contexto de transformações sociais, culturais, políticos e religiosas do século



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

XIX e XX, visando um processo de renovação e adaptação da igreja católica perante as questões modernas do século. Este evento, fez com que a igreja na Amazônia promovesse uma maior inclusão dentro da realidade, com a preocupação de “integrar a região ao restante do Brasil e desenvolvê-la economicamente, abrindo-a para a exploração de suas riquezas e de suas potencialidades no campo energético, mineralógico, biodiversidade, etc.” (MATA, 2007, p. 25)

Nesse intento, cabe a igreja o papel de buscar resposta para essas realidades concretas a partir de uma voz profética que se expressam diante dos inúmeros desafios inerentes aos povos amazônicos. Tal fato se concretiza expressivamente a partir do ano de 1968, no Encontro em Medellín na Colômbia, apresentando sinais de uma profunda vitalidade, embasado pela Igreja na América Latina que firmaram o papel de uma adaptação reconciliar através da realidade do continente, repercutindo diretamente na Amazônia.

Um grande momento eclesiológico para a Amazônia, em comunhão com aqueles que são a massa excluída dos planos econômicos voltados para a região, delineia-se em 1972, com uma Assembleia dos Bispos na cidade de Santarém- PA. A respeito disso, Mata (2007), discorre que:

A partir da realidade, os Bispos definiram duas diretrizes: a encarnação na realidade e a evangelização libertadora; e escolheram 4 prioridades: formação dos Agentes de Pastoral (incluindo os futuros padres), estradas e frentes pioneiras, Pastoral Indígena, e Comunidades Cristãs de Base. Em 1974, em outro encontro em Manaus, os bispos acrescentaram como prioridade a Juventude. Santarém deu um novo impulso a uma caminhada de libertação já em andamento, e favoreceu o crescimento de uma Igreja mais local, ministerial, embora sempre dependente de fora em muitas decisões e pessoas envolvidas nos projetos pastorais. Em 1972 surgiu o Projeto “Igrejas-Irmãs”, visando criar laços de solidariedade entre as dioceses do Brasil e as igrejas da Amazônia. (MATA, 2007, p. 27)

O documento mencionado serviu de base, para a busca de uma igreja mais ministerial a fim de uma proposta evangelizadora, integrada de forma harmônica,



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

220

que envolvesse o indivíduo e sociedade de maneira autônoma e criativa que favorecesse o crescimento da igreja local, com um rosto amazônico, tornando fator preponderante na caminhada eclesial que se perdura até os dias atuais.

CONCLUSÃO

A Amazônia tem sido ao longo dos anos, uma discussão universal que não permeia apenas o campo ambiental, pois pela sua sociodiversidade, vimos que se trata de uma discussão estratégica que envolve o campo político, econômico, cultural e religioso.

Nesse interim, vale destacar o papel da Igreja Católica, que ao longo dos anos, marcado por movimentos eclesiológicos, buscaram cada vez mais, ser uma igreja atenta as necessidades dos povos amazônicos, construindo uma voz profética e libertadora que contribua na evangelização daqueles que sofrem com a exploração econômica e social imposto pelo sistema político na sociedade vigente.

Desse modo, discorrer sobre a Amazônia numa visão eclesial é ir para além da sua extensa biodiversidade, mas é necessário buscar crescer com as características próprias enraizadas na sabedoria tradicional e religiosidade popular, alimentada durante muito tempo e que se mantém viva na espiritualidade dos povos da floresta, estimulando a procura de caminhos de colaboração e compromisso entre as igrejas, realizando a sua missão evangelizadora a partir de uma visão Panamazônica.

REFERENCIAS

ALBAGLI, Sarita. Amazônia: fronteira geopolítica da biodiversidade. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 6, n. 12, p.5-19, set. 2001.

ALENCAR, A. Desmatamento na Amazônia: indo além da emergência crônica. **Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam)**. Manaus, 2004, p.89



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

221

CHAVES, Maria do Perpetuo Socorro; BARROS, José Fernandes; FABRÉ, Nídia Noemi. **Conflitos socioambientais e identidades políticas na amazônia**. Achegas. Net, Rio de Janeiro, p.42-57, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Sí**, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Loyola, Paulus. 2015.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2005. 230 p.

IBGE. **Amazônia**: A. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=aMAZ%C3%94NIA+>>. Acesso em: 24 set. 2019.

MATA, Ricardo Possidônio Costa da. A Igreja e Sua Missão na Amazônia. **Encontros Teológicos, nº46**. 2007, p.19-29.

PERANI, Cláudio. A Igreja na Amazônia: Criatividade, Dinamismo e Vitalidade. **Revista Crítica de Humanidades**: Caderno do CEAS. Salvador/Recife. 2008, p. 231-241.